

PREÇOS MÍNIMOS PARA A SAFRA 1969/70

Instituto de Economia Agrícola

1 — ASPECTO GERAL

Em grande parte devido às adversidades climáticas mas também pela ação de outras causas que vêm dificultando o desenvolvimento do setor, o ano agrícola de 1968/69 em São Paulo, foi magro. Os dados são ainda preliminares, mas se confirmados, irão configurar mais um ano de frustração. Isto, pela 4.ª vez consecutiva, pois, desde a safra 65/66 a agricultura paulista vem apresentando declínio em seus principais aspectos como: valor da produção, volume produzido, renda "per capita" e outras características. Para se encontrarem razões otimistas e fazendo exceção à melhoria da produtividade — aspecto importante e que ainda está encontrando condições para manter-se em linha ascendente, até porque partindo de níveis muito baixos — só mesmo se recorrendo à análise de situações específicas ou mais restritas para deparar-se com

sinais de progresso. Isto, aliás, é quase uma constante em grandes regiões de agricultura diversificada, já que, dificilmente, ocorre um mau ano para todas as culturas.

Na análise global, e sempre recorrendo a dados preliminares, o ano agrícola de 1968/69 apresenta, em relação ao anterior, uma redução, na superfície de cultivo (20 principais produtos), de 5,2% ou 278 mil hectares. O seu índice de volume produzido é 136 ⁽¹⁾ contra 137 no ano precedente (173 em 64/65 e 100 no período 48/52). Embora não se disponha dos dados finais da renda agrícola de 1969, prevê-se um aumento de pouco mais de 20%. Caso se admita que a taxa de inflação venha a se manter em torno de 18%, teremos uma pequena melhoria, em relação à 1968, que se caracterizou como um dos piores anos, a êsse respeito, na recente evolução da agricultura paulista (quadro 1).

(1) Todos os dados de 1969 são preliminares, referindo-se à 3.ª estimativa de safras.

QUADRO 1. — Índice do Valor da Produção da Agricultura Paulista (1)
1948/52 = 100

Ano	Índice Geral (24 prod.)	Geral Menos Café (23 prod.)	Produtos Alimentícios		Matéria Prima P/ Indústria	Produtos de Exportação
			Vegetais	Origem Animal		
1960	121	155	134	199	242	59
1961	136	168	152	208	265	74
1962	140	189	188	207	332	54
1963	147	177	192	177	345	80
1964	121	170	155	170	390	38
1965	145	177	155	178	460	75
1966	128	175	164	189	372	43
1967	125	165	171	185	335	42
1968 (2)	108	148	139	162	335	34
1969 (2)	113	147	151	136	336	49

(1) Índices de valores correntes deflacionados pelo Índice Geral de Preços (FGV).

(2) Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

As rápidas comparações apresentadas evidenciam claramente, ao menos para o Estado de São Paulo, a estagnação e até retrocesso em que se encontra o setor agrícola. Isto representa, como é fato notório, um sério risco ao desenvolvimento dos demais setores da economia, já que as funções básicas da agricultura (alimentar a população, fornecer matéria-prima à indústria, absorver produtos industrializados, obter divisas e suprir recursos humanos e doutra natureza aos demais setores), salvo aquela do fornecimento de força de trabalho, ficam diminuídas, dificultando ou impedindo o avanço dos setores secundários e terciários. A ilação pronta e obrigatória que daí se tira é a premente necessidade de se inverter a tendência que vem apresentando a agricultura, através de medidas que reforcem a economia do setor, permitindo, ao menos, elevá-la a um ponto que não constitua, mais risco de estrangulamento ao progresso dos demais setores.

Para o desiderato que vem de ser apontado, parece inegável que, pelo menos a curto prazo, a política de garantia de preços é uma das mais poderosas armas de que dispõe o Governo. Não cabe aqui, discutir o acerto doutrinário da adoção

dessa política, mas, sim, partindo do fato de que ela existe, reconhecer que nossas autoridades responsáveis devem, quanto possível, emprestar-lhe um cunho de instrumento da política agrícola geral, dela fazendo uma poderosa alavanca de soerguimento da agricultura.

Sendo, a garantia de escoamento e a ação sobre os preços, as linhas principais de atuação da política de preços mínimos, torna-se bastante significativo o quadro 2, mostrando o comportamento relativo aos preços dos produtos agrícolas.

Talvez não fôsse supérfluo acrescentar que, na deterioração relativa aos preços indicada pelo quadro citado, está uma das causas e explicações do enfraquecimento contínuo do setor agrícola.

1.1 — CRITÉRIOS

À vista das considerações expostas, parece claro que o aspecto referente ao nível de preços de garantia é aquele que deve servir de fulcro para emprestar a essa política os objetivos propugnados. Reconhece-se que, para certos casos não seria viável restituir aos produtos agrícolas, de um ano para o outro, todo o poder de barganha que foi perdido em período relativamente longo. Cumpre, no entanto, perseguir, sem

QUADRO 2. — Evolução de Preços na Agricultura Paulista
1948/52 = 100

Ano	Índice de Preços Recebidos (1)	Índice de Preços Pagos (2)	Relação Pr. Recebidos Pr. Pagos	Índice Geral de Preços (3)
1960	515	683	75	585
1961	726	987	82	803
1962	1.206	1.411	85	1.218
1963	2.033	2.517	81	2.116
1964	4.018	4.497	89	4.039
1965	5.086	7.626	67	6.345
1966	7.350	9.318	79	8.786
1967	8.538	11.519	74	11.296
1968 (4)	10.532	14.801	71	14.033

(1) Inclue 24 dos principais produtos.

(2) Índice parcial compreende 32,51% do dispêndio total da agricultura, mas representa a quase totalidade das compras efetuadas fora do setor agrícola.

(3) Índice "2" Nacional da Conjuntura Econômica.

(4) Dados preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

desfalecimento, essa meta. Ela, combinada com as previsões para a desvalorização da moeda e adaptada, conjunta ou separadamente, às exigências específicas de cada produto, servirá de norma diretora à seleção dos níveis de preço, que, a seguir, serão sugeridos. Embora excessivamente flexível, cabe observar que essa maleabilidade é alternativa preferível a certos sistemas rígidos de garantia de preços, mormente para os países em desenvolvimento, com economia instável.

Quanto à taxa de desvalorização da moeda, admitir-se-á, para o período da próxima safra (mais ou menos de setembro de 69 a setembro de 70), o percentual de 10%. Isso, à vista de grandes conquistas que, inegavelmente, vem o atual Governo obtendo na luta contra a inflação, conseguindo reduzir firmemente aquela taxa, a qual, para o ano de 1968, está avaliada em 18%. De passagem, observe-se que, nos trabalhos de mesma natureza, elaborados para os anos anteriores, os índices de inflação adotados levam sempre e propositadamente, boa margem de segurança.

A seguir, apresentamos, de modo sumário, a situação de cada produto a ser beneficiado com a garantia dos preços mínimos, procurando-se destacar os aspectos mais importantes

que presentemente envolvem suas economias.

2 — ALGODÃO

2.1 — SITUAÇÃO MUNDIAL

Do ponto de vista dos países exportadores (admitindo-se que quanto menor a oferta melhor para estes, o que nem sempre é verdade) não resta dúvidas de que as perspectivas para a temporada de 69/70, a iniciar-se em 1.º de agosto próximo, estão algo deterioradas em relação aos dois e mesmo três últimos anos. Com efeito, apesar de continuar boa a posição estatística do algodão, prevê-se um ligeiro excesso da produção sobre o consumo. A 1.º de agosto, os estoques finais deverão ser praticamente idênticos aos do ano passado. Esta última safra, entretanto, além de apresentar um rigoroso equilíbrio entre a produção e o consumo, fôra precedida por uma outra (67/68) onde o "deficit" de produção atingiu 5,3 milhões de fardos, com aguda escassez de fibras médias, nos comprimentos de 1" a 1 1/16". Cumpre lembrar que essa sólida posição da safra 68/69 não impediu uma acentuada queda nos preços internacionais do algodão. É preciso, ainda, ter em conta a experiência demonstrada pela prática e consistente no fato de que, quando os estoques são normais (como é o caso pre-

sente), os preços irão depender, em escala muito maior ainda, da relação entre a produção provável e o consumo previsto. Do lado do consumo, o máximo que se pode esperar é um aumento fracionário. No ano passado, esse aumento foi apenas de 0,4% e, dado o fato de que os acréscimos no consumo de algodão vêm diminuindo ano a ano, não será surpresa o fato de que, no próximo período e pela primeira vez, esse consumo não acuse nenhum aumento. A pressão das fibras artificiais, notadamente as não-celulósicas, é cada vez maior e uma idéia disso pode ser dada pelos cotejos seguintes. Em 1968, enquanto o consumo global de algodão aumentava de 0,4%, o das fibras artificiais chegava a 21%, fazendo com que a participação do algodão, pela primeira vez em longos e longos anos, fôsse inferior a 50% do consumo geral de fibras. Nos EE.UU. o consumo de algodão no mesmo ano baixou a um terço do total (perda de 6,5%), enquanto o das fibras artificiais, somente o das não celulósicas, subiu a 48% (aumento de 8%). Em resumo, pode-se afirmar que a ameaça das fibras artificiais interessa, já, ao próprio destino do algodão.

Quanto ao comércio internacional, prevê-se que êle de-

verá manter-se em níveis muito próximos aos do ano passado que foi de 17,2 milhões de fardos. A Europa Ocidental talvez aumente levemente suas compras, devido aos baixos estoques atuais. O Japão, presentemente bem suprido, dificilmente aumentará suas aquisições. Hong-Kong talvez o faça, mas em pequenas proporções. Essas, são as regiões de maior interesse para nossas exportações.

Do lado da produção, como já foi dito, espera-se um ligeiro acréscimo (1,5 a 2 milhões de fardos) sobre o consumo estimado. Dentre os países que deverão aumentar sua produção destacam-se os EE.UU., Paquistão, Brasil, Síria, Colômbia e Índia. Esse aumento será, em parte, compensado por reduções em outros países como, talvez, o México, Turquia, Guatemala e Nicarágua. Incluindo-se a área dos chamados países socialistas mereciam ser mencionados o provável aumento na China Continental (mais como recuperação dos baixos rendimentos do ano anterior) e, talvez, um leve aumento na produção da Rússia (os planos indicam uma área de plantio próxima à das anteriores, mas o aumento de 15% nos preços aos produtores deverá exercer certo efeito de incentivo).

QUADRO 3. — Suprimento e Distribuição Mundial de Algodão em
Milhões de Fardos de 217 kg Líquidos (478 Libras)

Ítem	1965/66	1966/67	1967/68	1968/69 ⁽¹⁾	1969/70 ⁽²⁾
Estoques em 1.º Agosto					
EE.UU.	14,3	16,9	12,5	6,5	6,5
Países predominantemente exportadores	4,2	4,4	4,5	4,8	4,9
Países predominantemente importadores ⁽³⁾	6,2	5,8	6,2	6,8	6,7
Sub-total	24,7	27,1	23,2	18,1	18,1
Rússia, China e Europa Oriental	3,3	3,5	3,7	3,5	3,4
Total Mundial	28,0	30,6	26,9	21,6	21,5
Produção					
EE.UU.	14,9	9,9	7,2	10,9	12,5
Outros países	23,5	22,8	23,9	25,5	26,0
Sub-Total	38,4	32,7	31,1	36,4	38,5
Rússia, China e Europa Oriental	14,8	16,2	16,6	16,3	16,5
Total Mundial	53,2	48,9	47,7	52,7	55,0
Suprimento Total	81,2	79,5	74,6	74,3	76,5
Consumo					
EE.UU.	9,5	9,5	9,0	8,2 ⁽²⁾	8,5
Outros países	25,1	25,6	25,9	26,4 ⁽²⁾	26,5
Sub-Total	34,6	35,1	34,9	34,6	35,0
Rússia, China e Europa Oriental	16,2	17,3	17,7	17,9 ⁽²⁾	18,2
Total Mundial	50,8	52,4	52,6	52,5	53,2
Destruições	0,1	0,2	0,4	0,6 ⁽²⁾	0,3
Total Geral	50,9	52,6	53,0	53,1⁽²⁾	53,5

(1) Estimativa.

(2) Dados esparsos de diversas fontes e absolutamente preliminares.

(3) Incluindo a Índia e o algodão em circulação.

Fonte: Cotton — ICAC — May-Jun 1969.

Ainda no respeitante à produção, deve-se assinalar que o grosso do aumento esperado deve ocorrer com as fibras de 1" a 1 3/4", que abrangem quase toda a produção brasileira. Assim, pode-se esperar um mercado bastante competitivo para os nossos algodões, na próxima temporada. O quadro 3 ilustra a posição estatística mundial do algodão, devendo-se observar que os números referentes à projeção para 1969/70 foram colhidos em diversas fontes e muitos deles são antecipações conjecturais.

Pelo que até aqui foi exposto, pode-se ter a impressão de que o próximo ano se apresenta bastante difícil para a venda dos nossos algodões ao exterior. Entretanto e sem quereremos ser otimistas, cumpre registrar a existência dos seguintes fatos favoráveis:

a) A política de preços da C.C.C. (Commodity Credit Corporation) para a próxima temporada, a qual estabelece níveis de preços para o Middling de 1" um pouco superiores aos do ano passado. Como a C.C.C. já se encontra novamente de posse de um estoque substancial (cerca de 3,0 milhões de fardos em 1/8/69 contra pouco mais de 200 mil na mesma data do ano passado),

sua política de preços deverá influenciar bastante no comportamento dos preços do algodão.

Segundo cálculos preliminares, o preço do Middling 1" pôsto CIF-Europa deverá girar em torno de 29 a 30 cents por libra, dependendo do mês de entrega (as "carrying charges", cobradas pela C.C.C., variam conforme o mês). Em suma, não há, ao menos por ora, razões para se temer os preços dos algodões norte-americanos, que se mantêm bem acima dos nossos.

b) Os preços pelos quais o Brasil vendeu seus algodões em 1968 foram, de modo geral, sensivelmente inferiores aos similares de outras procedências. Houve, no ano passado, uma defasagem grande entre os preços pelos quais foi vendido o algodão e aqueles que normalmente eram esperados face à situação estatística do produto. Assim e a menos que o Brasil queira manter o mesmo e enorme diferencial de preços com que vendeu seus algodões na safra corrente, é de se esperar um escoamento normal com níveis de preços próximos dos atuais. Sobre este ponto, convém frisar o perigo que existe numa política de se manter o mesmo diferencial já mencionado, i.é, de o Brasil acompanhar qualquer queda de preços com des-

valorização proporcional do seu produto. É preciso ter em conta que as perspectivas foram bastante alteradas. A relativa abundância da oferta cria situação delicada no mercado e uma excessiva agressão nos preços poderá trazer perturbações de monta ao mesmo, com corrida para as vendas e descontrôle dos preços, os quais poderão experimentar baixas exageradas, acima de qualquer limite previsto. Esta questão está a requerer o maior empenho e vigilância por parte das nossas autoridades competentes, tendo em conta que é desejável a manutenção de certa agressividade; mas perigoso o seu excesso. A menos que haja motivos muito imperiosos, a ordem deveria ser a de manter, com o máximo rigor, os preços do comunicado n.º 259 da CACEX que estabelece (aliás com ampla margem) o preço FOB de 22 cents/lb para o tipo "5".

2.2 — SITUAÇÃO INTERNA

Presentemente, não mais se justifica cuidar da situação algodoeira de São Paulo, sem levar em conta o que se passa no Paraná e em outras regiões vizinhas, que, juntas, compõem uma única economia algodoeira. Tendo em conta, no entanto, a dificuldade na obtenção de certos dados e outras razões menores, será compreensível o des-

taque das informações relativas a São Paulo.

Dito isto, cabe desde logo registrar que o ano algodoeiro de 1968/69 foi muito bom para S. Paulo. Isto, de maneira mais ou menos surpreendente (como aliás já havia acontecido com a safra anterior), pois, durante a maior parte do seu período vegetativo, o algodoeiro enfrentou severas adversidades climáticas e também (em parte como decorrência do clima) ataques bastante intensos de diversas pragas. De acôrdo com os dados ainda preliminares, a superfície de plantio registrou ganho de 32% sôbre o período de 67/68, que, por sua vez, havia suplantado o precedente em cêrca de 17%. Como êsses substanciais aumentos referem-se à inadequadamente pequena área de plantio, esta ainda continuou cêrca de 20% inferior à meta preconizada de 557.000 hectares (230.000 alqueires). A expansão de 32% na área, em pouco ou nada parece ter afetado os rendimentos unitários, os quais, muito provavelmente, ficarão pouco aquém (menos de 3%) do "record" absoluto da safra 67/68 com seus 1615 kg/ha (260,8 arrôbas por alqueire), já que deverão atingir 1.575 kg/ha, ou mais de 254 arrôbas por alqueire. Para se chegar a êstes números, admitiu-se que ainda darão entrada nas usinas 5% do volume registrado

em 31 de maio último. No Paraná e a julgar-se pelas últimas informações disponíveis, as couzas não correrão tão bem. O vizinho estado aumentou em mais de 50% sua área de plantio, face, sobretudo, aos ótimos resultados obtidos em 67/68. Os rendimentos unitários, entretanto, caíram fortemente, devido entre outras causas, ao mau transcurso do tempo, ataques inusitados de pragas e presença de novos agricultores nesta exploração. Como resultado, estima-se que a safra paranaense seja, apenas cêrca de 10%, maior que a passada. Quanto aos demais estados vizinhos (Mato Grosso, Minas e Goiás), sabe-se que houve expansão, tanto na área como no volume produzido. Tudo somado, é certo que 68/69 foi a safra "record" do Sul do Brasil e que seu volume girará em tórno de 500 mil toneladas de algodão em rama, equivalente a pouco mais de 2,3 milhões de fardos. As exportações deverão atingir a 340.000 toneladas, volume maior que o do excepcional ano de 1946, quando, pelos pôrtos do Sul, eram embarcadas 336000 toneladas (352.752 para todo o País). Êste volume supera, em aproximadamente 67%, aquêle que foi exportado em 1968, o qual, por sua vez, já suplantara as exportações de 1967 em mais de 80%. No que tange ao aspecto qualitativo,

entretanto, 68/69 acusa certa regressão. Em São Paulo, tanto os tipos como certas características da fibra (comprimento e micronaire) são ligeiramente inferiores. No Paraná, diferenças são maiores.

Não há, pois, como negar, que os dois últimos anos foram de firme recuperação da lavoura algodoeira em São Paulo e expansão no Paraná, bem como, em muito menor escala, nas outras regiões produtoras vizinhas.

A que se deve essa recuperação, quando é certo que os preços reais do produto estão ainda muito baixos em relação a períodos passados e registram apenas ligeira melhoria em cõtêjo com 1966 e 1967 (sôbre êste último, um pouco mais acentuada)? Dentre as causas que podem ser invocadas, lembremos as seguintes:

a) Notável aumento na produtividade física, devido, sobretudo, ao emprêgo de sementes de variedades mais produtivas e melhoria das práticas agrícolas.

b) Perda quase total da capacidade competitiva do amendoim, em cujas 6 (seis) últimas safras (3 anos) registraram-se 5 (cinco) frustrações de diversos gráus e apenas uma safra normal.

c) Baixos preços do milho nos 4 (quatro) últimos anos, tirando dêste cereal boa parte da capacidade competitiva com o algodão.

d) Dificuldade da lavoura cafeeira, induzindo os produtores a procurarem novas fontes de renda em culturas comerciais "cash crops".

e) Abolição quase total das boas perspectivas da pecuária de corte, cessando e até invertendo a tendência da tomada de terras do algodão para a formação de pastagens.

Assim e apesar dos preços baixos do produto, forçoso é constatar que os lavradores estão vendo no algodão uma das melhores (ou menos más) alternativas de produção de que podem dispor.

Quanto às perspectivas para o próximo plantio, para o qual não foi feita ainda investigação pertinente, o que se pode dizer, com base em informações diversas, talvez seja o seguinte:

a) Em São Paulo, pode-se prever um aumento de 20% na superfície de plantio. Caso o preço do milho se eleve em demasia até setembro, dificilmente êsse aumento será atingido, parecendo mais correto, então, avaliá-lo entre 10 e 15%.

b) No Paraná, a tendência parece ser de uma redução, de 15%, na área de cultivo. Na hipótese já citada de elevação nos preços do milho, dita redução pode acentuar-se ainda mais.

c) Nas outras áreas produtoras e vizinhas ao estado, deverão ocorrer aumentos.

d) As geadas da madrugada do dia 9 de julho último, de cuja intensidade apenas se têm as primeiras notícias, parecem ter sido muito intensas. Se isto fôr confirmado, as perspectivas para o próximo plantio do algodão serão profundamente influenciadas por êsse fenômeno, pois é certo que os cafeicultores, face à frustração da futura colheita, procurarão novas fontes de receita. Neste caso, o algodão, com suas características de cultura comercial, é uma das alternativas preferidas. As implicações nêsse sentido serão também maiores no Paraná, onde há mais café e as geadas continuam a ser violentas.

2.3 — CRITÉRIO

À vista das ponderações feitas tanto sôbre a situação mundial como interna do produto, deve-se estabelecer a garantia de preços para o algodão em níveis que não alterem as perspectivas animadoras que se prenciam para São Paulo.

QUADRO 4. — Algodão em São Paulo

Média Quinquênio e Ano	Área Plantada 1.000 ha	Produção 1.000 arrôbas em carôço	Rendimento Agrícola kg/ha	Preços médios recebidos pelos lavradores		Índice Geral de preço no Brasil (1) (b)	a/b x 100
				Preços Correntes NCr\$/15 kg	Índices (a)		
Média							
1948-52	1.094	40.929	561	0,08	100	100	100
1953-57	729	36.717	756	0,13	162	217	75
1958-63	528	35.421	1.006	0,43	538	678	79
Ano							
1960	498	35.180	1.059	0,39	488	585	83
1961	569	34.673	915	0,59	738	803	98
1962	678	47.513	1.052	0,74	925	1.218	76
1963	605	39.827	987	1,20	1.500	2.116	71
1964	508	39.813	1.175	2,50	3.125	4.038	77
1965	653	34.800	799	3,77	4.712	6.344	74
1966	477	46.605	1.467	4,27	5.338	8.786	61
1967	290	27.240	1.407	5,20	6.500	11.296	58
1968	339	36.511	1.615	7,05	8.812	14.033	63
1969 (3)	448 (2)	40.000 (2)	1.340 (2)	8,40	10.500	16.560	63

(1) Índice "2" Nacional da Conjuntura Económica

(2) 3.ª previsão de safra (março 1969)

(3) Dados preliminares

Fonte: Instituto de Economia Agrícola

QUADRO 5. — Correspondência Entre Preços de Exportação e Preços Internos de Algodão, Partindo-se de Preço de 22 Cents por Libra — FOB — SANTOS — com Taxas Diferenciadas de Dolar, 1969

Item	NCr\$ por Dolar	
	4,30	4,50
	NCr\$ por 15 kg	
1 — Valor — FOB — Santos	31,28	32,74
2 — Despesa Total	8,55	8,69
2.1 — Despesa entre São Paulo e FOB — Santos (6% sobre preços São Paulo) .	1,77	1,85
2.2 — Quebra de pêso (0,5%)	0,15	0,15
2.3 — Deságio	0,30	0,30
2.4 — Frete	1,00	1,00
2.5 — Seguro e transf.	0,22	0,23
2.6 — Juros (45 dias a 1,5% ao mês)	0,65	0,68
2.7 — Benefício	3,20	3,20
2.8 — Fundo Rural (1%)	0,28	0,88
2.9 — I.C.M. na venda de 26 kg de carôço a 3,00/15 kg	0,88	0,30
2.10 — quebra no carôço	0,10	0,10
3 — Diferença entre 1 e 2	22,73	24,05
4 — Venda de 26 kg de carôço	5,20	5,20
5 — Valor de 42,5 kg de algodão em carôço	27,93	29,25
6 — Valor de 15 kg no interior (tipo regular)	9,85	10,32

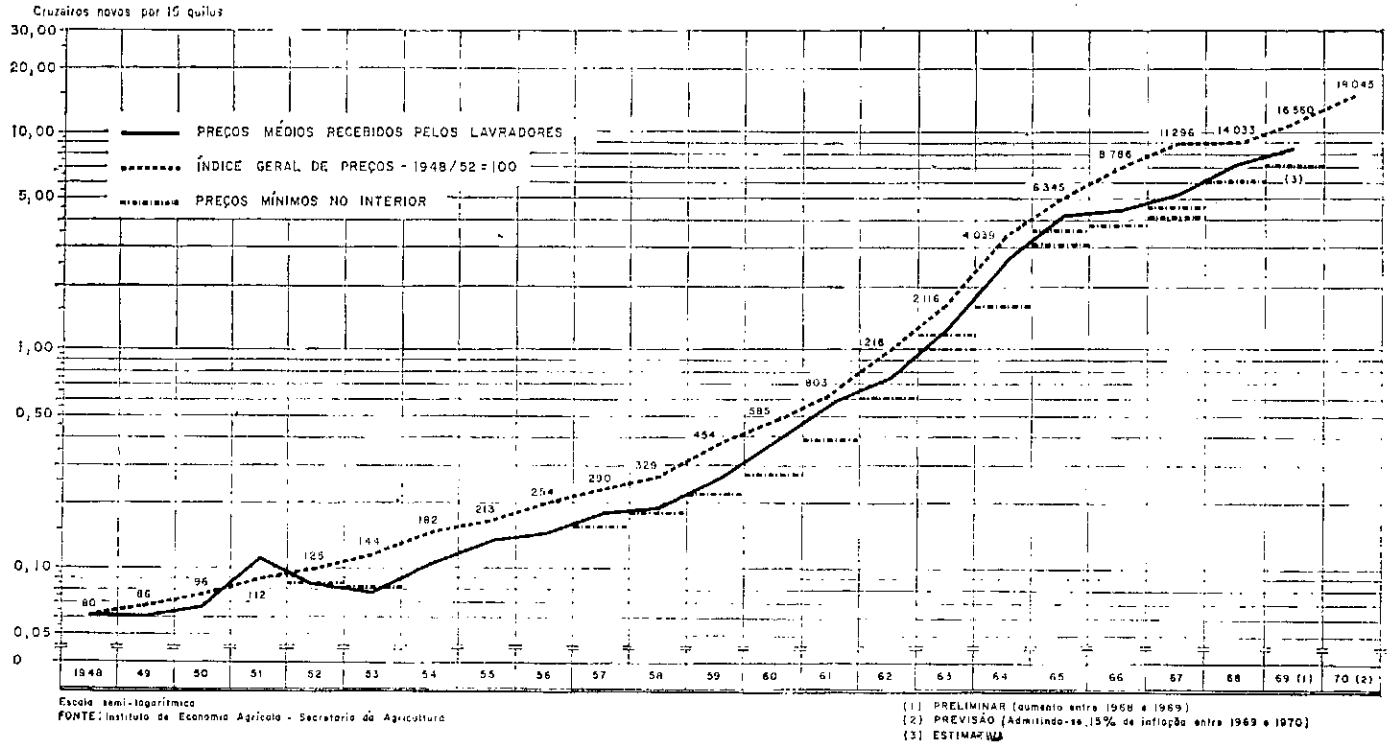


FIGURA 1. — Evolução dos Preços do Algodão em Carôço no Estado de São Paulo.

O acréscimo da taxa prevista de inflação aos níveis propugnados no ano anterior pela Secretaria da Agricultura de São Paulo (NCr\$ 8,00) e que, diga-se de passagem, foram plenamente ultrapassados na comercialização desta safra, levar-nos-ia a um nível de NCr\$ 9,20 por arrôba de algodão em carôço. Os dados do quadro 5 indicam que, mesmo nos baixos níveis do mercado mundial e nas taxas cambiais previstas para abril de 1970, poder-se-ia obter entre NCr\$ 9,85 e NCr\$ 10,32 por arrôba no interior.

Considerando, no entanto, o maior ônus para a exportação de algodão paranaense, pode-se sugerir que o preço mínimo de algodão em carôço seja fixado em NCr\$ 9,00 por arrôba, para o tipo regular, pôsto nas localidades mais distantes do interior de São Paulo.

3 — AMENDOIM

Como já foi dito, destas 6 (seis) últimas colheitas de amendoim, apenas a "safra das águas" de 1967/68 pode ser considerada razoavelmente boa. As duas colheitas de 1966/67 foram desastrosas (principalmente a "da seca"), tanto em rendimentos físicos como nos preços do produto. Neste ano i.é, 1968/69, os rendimentos das duas colheitas, também fo-

ram insatisfatórios. Êsses seguidos insucessos nos rendimentos físicos, causados antes de mais nada pelas adversidades climáticas, mas com a participação nada desprezível de uma crescente presença de pragas nessa lavoura, foi o bastante para arrefecer o interesse que antes despertava e levá-la a um ponto de estagnação. Somando-se as duas colheitas anuais, o volume, nestes últimos anos, tem girado em tórno de 20 milhões de sacas, bastante distanciado, por conseguinte, da meta de 30 milhões que se considera de interesse para a economia do estado.

Tendo em conta que se trata de uma exploração tipicamente comercial e, assim, fonte de dinheiro para os produtores, não muito exigente quanto às práticas agrícolas, nem muito esgotante para o solo e, ademais, constituindo produto de exportação relativamente fácil, parece de todo o interesse que se procure reanimá-la, visando ao atendimento da meta acima mencionada.

Cumpre, ainda, observar que, não obstante o marasmo referido e o impulso do algodão e da soja, o amendoim ainda é, provavelmente, a maior fonte fornecedora de óleo vegetal do país.

Quanto às perspectivas para o próximo plantio, embora os preços atuais do produto sejam relativamente bons, talvez não se possa contar com aumento de área, pois os insucessos recentes e os maiores atrativos do algodão e milho, poderão anular a influência daqueles fatores. Em todo o caso, mesmo que haja expansão, tudo indica que será pouco importante, exceção feita ao caso do Paraná, onde a recente geada pode gerar situação imprevista.

3.1 — CRITÉRIO

Apesar de os preços do amendoim serem daqueles que menos perderam em seus valores reais, há necessidade, pelas razões já expostas, de colocar o produto com um bom suporte por parte dos preços mínimos, até porque êstes acham-se hoje, em cêrca de 25 a 30%, abaixo das cotações vigentes no mercado.

Para atingir a êsse fim, admite-se ser preciso a garantia de NCr\$ 8,50 por sacco de 25 kg em casca, do tipo "3", classe graúda ou miúda e livre ao produtor. Embora isso signifique, aproximadamente, 33% do aumento sôbre as bases de preços mínimos fixados em 1968, teríamos a garantia estabelecida em níveis pouco abaixo dos preços vigentes, para o corren-

te ano (NCr\$ 8,85 por sacco). Saliente-se que, na comercialização da safra das águas de 1968/69, prevaleciam preços entre 9 e 10 cruzeiros novos por sacco.

4 — ARROZ

À vista da estiagem reinante durante todo o período vegetativo, os rendimentos físicos, indicados pela 3.^a estimativa para esta cultura, são surpreendentemente bons — cêrca de 35% superiores aos do ano passado. As principais razões para isto, talvez residam nos numerosos replantios efetuados (anulando assim os efeitos iniciais da sêca) e a maior experiência dos orizicultores, que procuram cada vez mais utilizar, para esta cultura, as terras mais frescas, môrmente as de várzea. O substancial ganho de produtividade refere-se, entretanto, à safra anterior, que, neste aspecto, foi a pior dos últimos 10 (dez) anos, pois, na realidade, êle continua ridiculamente baixo, não chegando a 40 sacas em casca por alqueire (976 kg/ha). Vai-se prolongando, assim, a série de más colheitas do arroz em São Paulo, iniciada em 1963 e só interrompida por uma safra apenas normal em 1967.

Os preços do produto, decisivamente influenciados pelas ofertas de outras regiões produ-

QUADRO 6. — Amendoim em São Paulo

Média Quinquênio e Ano	Área Plantada 1.000 ha	Produção 1.000 sacos 25 kg em casca	Rendimento Agrícola kg ha	Preços médios recebidos pelos lavradores		Índice Geral de preço no Brasil (1) (b)	a/b x 100
				Preços Correntes NCr\$/15 kg	Índices (a)		
Média							
1948-52	152	6.352	1.048	0,06	100	100	100
1953-57	152	6.724	1.106	0,13	217	217	100
1958-62	338	16.598	1.227	0,39	650	678	96
Ano							
1960	295	14.500	1.228	0,44	733	585	125
1961	427	18.600	1.088	0,52	867	803	108
1962	479	21.800	1.137	0,65	1.083	1.218	89
1963	382	19.200	1.255	1,06	1.767	2.116	84
1964	409	15.300	935	3,73	6.217	4.043	154
1965	414	24.000	1.450	4,16	6.933	6.344	109
1966	482	26.700	1.386	5,35	8.917	8.786	101
1967	552	19.650	890	4,85	8.083	11.296	72
1968	390	21.500	1.378	7,46	12.436	14.033	89
1969 (3)	421 (2)	19.300 (2)	1.146 (2)	8,85	14.750	16.560	89

(1) Índice "2" Nacional da Conjuntura Econômica

(2) 3.ª previsão de safra (março 1969)

(3) Dados preliminares

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

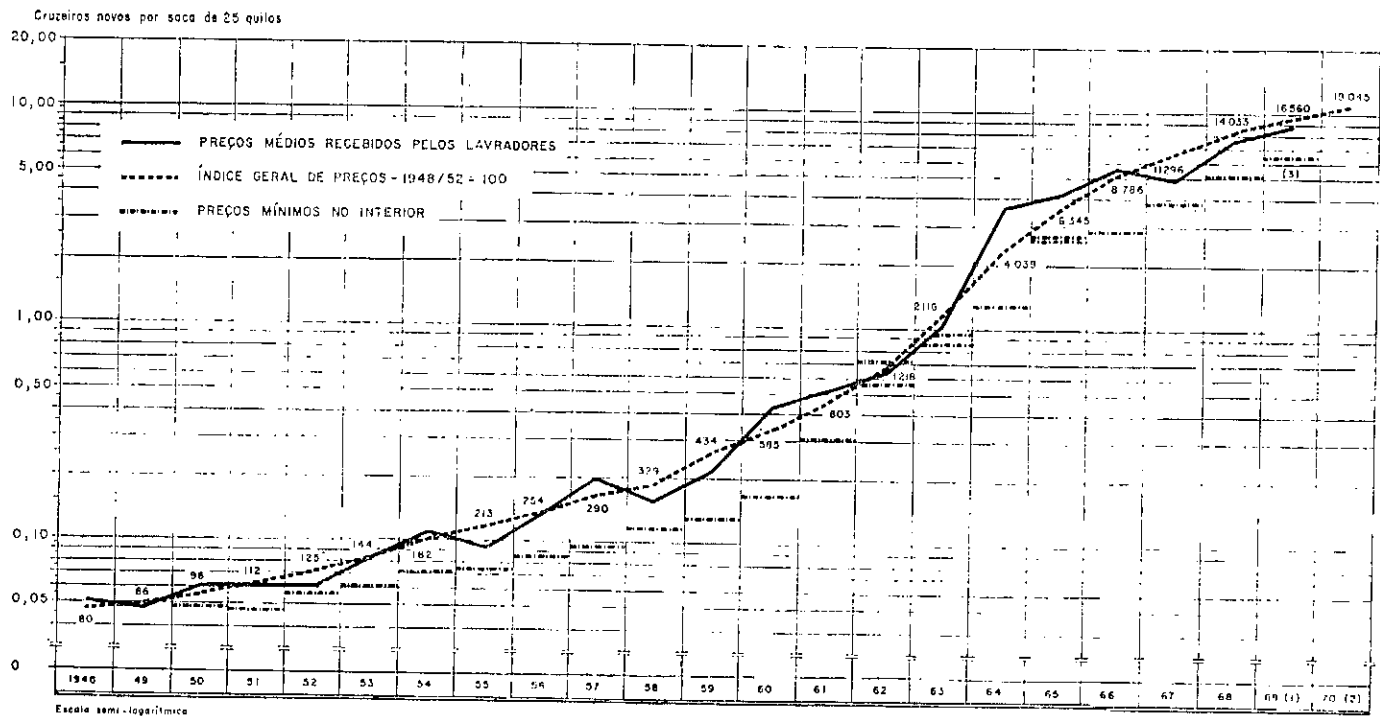


FIGURA 2. — Evolução dos Preços do Amendoim em Casca no Estado de São Paulo.

toras, mantiveram-se, em valôres correntes, muito próximos aos do ano passado, o que implica em dizer que foram, em termos reais, bem menores. É possível que isto se reflita numa redução na próxima área de plantio. Dado o fato de que em 68/69 já se plantou uma área 12% inferior à precedente, a redução acima citada, caso ocorra, não deverá ser muito sensível. De qualquer forma, considera-se que o plantio do arroz em São Paulo, nas condições em que é conduzido, não deva exceder a uma área de plantio de 800.000 ha.

4.1 — CRITÉRIOS

Os preços do arroz, que nos últimos dois anos vinham se mantendo firmes, já que asseguraram ganhos em relação ao índice geral de preços, deverão, no corrente ano, acusar substancial queda de valor real. Para que êste valor real permanecesse no mesmo nível de 1968 (um pouco inferior aos 2 anos precedentes) seria preciso que o preço médio dêste cereal fôsse de NCr\$ 26,80. Este preço, que é de mercado, parece constituir um razoável objetivo a ser perseguido pelo preço mínimo de garantia, já que o produto está a necessitar de certo amparo neste aspecto. Admitindo-se isto e uma margem de 25% entre o preço de

mercado e o mínimo garantido, chega-se a NCr\$ 20,10 ou, por arredondamento, a NCr\$ 20,00. Êste preço refere-se ao saco de 60 kg de arroz em casca, grãos médios, tipo "1" e "2" livre ao produtor, no interior do Estado. De notar que êste preço, embora bem superior ao mínimo estabelecido para a corrente safra, ainda está cêrca de 15% abaixo das cotações óra vigentes.

5 — FEIJÃO

Pouco há para dizer sôbre as duas colheitas de feijão em 68/69, senão que foi um ano calamitoso para dita cultura. De acôrdo com informações disponíveis, cousa parecida, variando entretanto quanto ao gráu de intensidade, passou-se nas áreas produtoras de estados vizinhos e abastecedoras de São Paulo. Normalmente e a grosso modo, São Paulo importa dêsses Estados 2/3 do feijão que consome. Neste ano, terá de importar mais de 3/4. A decadência desta exploração é um fato em São Paulo e vem sendo agravada, últimamente, pela redução das áreas cafeeiras e pela gradativa abolição do regime de colonato.

A cultura enfrenta problemas seríssimos, desde os de ordem agrônômica e os de regime de trabalho dos produtores, até

QUADRO 7. — Arroz em São Paulo

Média Quinquênio e Ano	Área Plantada 1.000 ha	Produção 1.000 sacos 60 kg em casca	Rendimento Agrícola kg ha	Preços médios recebidos pelos lavradores		Índice Geral de preço no Brasil (1) (b)	a/b x 100
				Preços Correntes NCr\$ saco 60 kg em casca	Índices (a)		
Média							
1948-52	495	11.759	1.425	0,15	100	100	100
1953-57	542	9.205	1.019	0,44	293	217	135
1958-63	574	10.840	1.188	1,25	833	678	123
Ano							
1960	573	11.000	1.151	0,84	560	585	96
1961	644	13.200	1.230	1,83	687	803	86
1962	508	10.200	1.204	5,27	3.513	1.218	288
1963	762	12.000	945	2,91	1.940	2.116	92
1964	1.108	15.000	812	6,57	4.380	4.043	108
1965	1.065	17.100	964	6,22	4.147	6.344	65
1966	702	9.600	821	14,92	9.947	8.786	113
1967	758	15.000	1.196	18,65	12.433	11.296	110
1968	881	10.600	722	22,50	15.000	14.033	107
1969 (3)	774 (2)	12.600 (2)	976 (2)	22,70	15.133	16.560	91

(1) Índice "2" Nacional da Conjuntura Econômica

(2) 3.^a previsão de safra (março 1969)

(3) Dados preliminares

Fonte: Instituto de Economia Agrícola

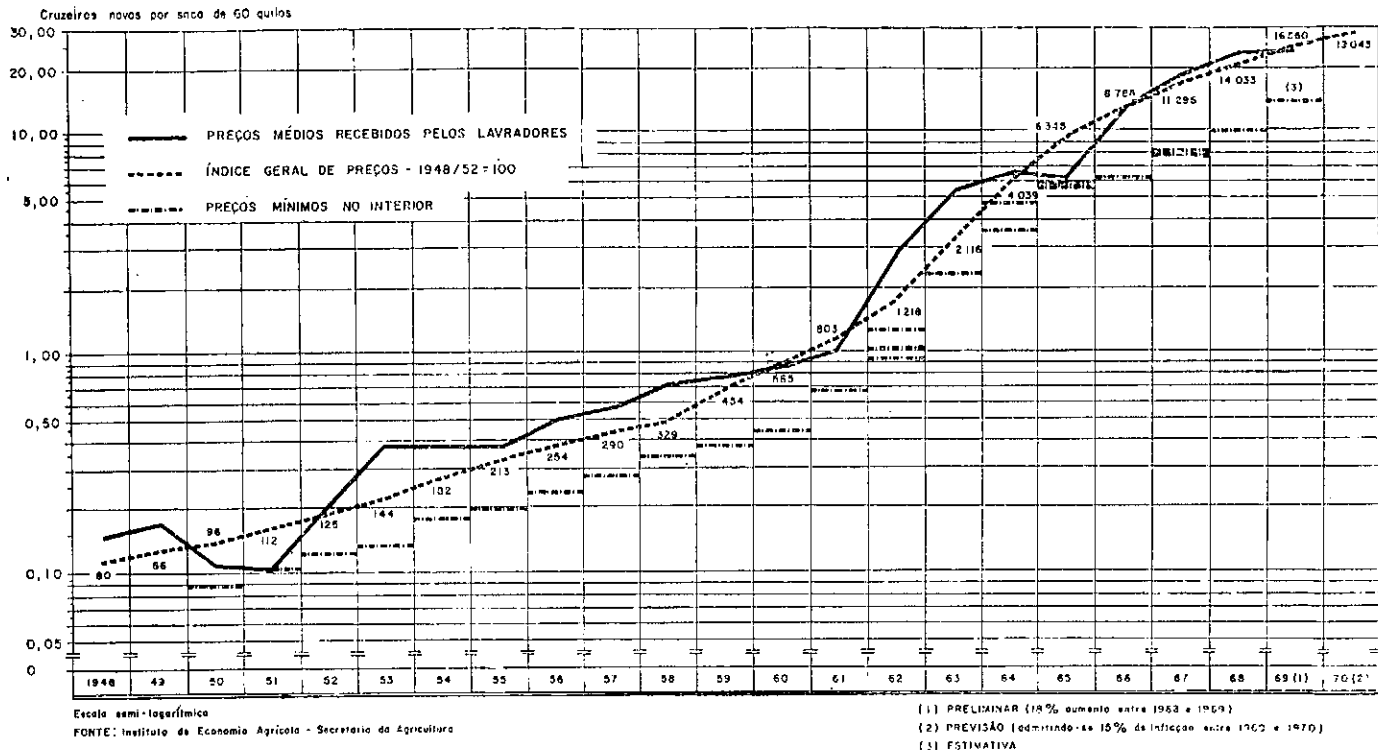


FIGURA 3. — Evolução dos Preços do Arroz em Casca no Estado de São Paulo.

aqueles de natureza comercial. Esses problemas anulam, em grande parte, os efeitos de uma política de garantia de preços mínimos. De qualquer modo e dada a enorme importância do produto para o abastecimento alimentar, torna-se necessário que a garantia de preços contribua, tanto quanto possível, para o amparo a esta exploração. Aliás e eventualmente, esta contribuição pode mostrar-se bem mais efetiva, desde que atue como substrato dos planos de melhoria que estão sendo elaborados.

Dado o exposto, é difícil prever-se o comportamento da próxima área de plantio, pois, se de um lado existe a presença de uma grande elevação ocorrida nos preços de mercado, do outro e atuando em sentido oposto a uma expansão, há os problemas estruturais já mencionados.

5.1 — CRITÉRIOS

Pelas considerações apresentadas, tornam-se evidentes as dificuldades para o estabelecimento de critérios adequados para os preços de garantia ao feijão. As dificuldades são enormemente agravadas pelas diferenças existentes entre condições de exploração da cultura em São Paulo e as das regiões produtoras dos estados vizi-

nhos, algumas das quais já oferecendo predomínio das culturas comerciais e todas enquadradas na Zona Meridional do País, para efeitos da garantia de preços.

Conseqüentemente, pode-se sugerir para a próxima safra, o restabelecimento das relações de preços existentes entre o feijão e outros produtos (veja quadro 8) que prevaleceram nas safras de 1967 e 68. Admitindo os aumentos de 18% e de 15%, em 69 e 70, teríamos um preço de NCr\$ 31,70. Pode-se assim, sugerir o preço mínimo de NCr\$ 30,00, livre ao produtor, por saca de 60 kg, tipo 3, das variedades de cores.

6 — MILHO

Depois de 2 safras crescentes (66/67 e 67/68), tanto em área plantada como no volume da produção, a cultura do milho em 68/69 refletiu, finalmente, os efeitos dos baixos preços do produto, vigentes naqueles dois anos e a área de plantio caiu em mais de 20%. À redução de área, somaram-se os contrastes climáticos e os fortes ataques de pragas, provocando uma queda ainda maior no volume da colheita. Como resultado, aguarda-se em 68/69 uma queda de 10 milhões de sacas sobre os 42 milhões obtidos em 67/68. No Paraná, grande pro-

QUADRO 8. — Feijão em São Paulo

Média Quinquênio e Ano	Área Plantada 1.000 ha	Produção 1.000 sacos 60 kg em casca	Rendimento Agrícola kg/ha	Preços médios recebidos pelos lavradores		Índice Geral de preço no Brasil (1) (b)	a/b x 100
				Preços Correntes NCR\$ saco 60 kg em casca	Índices (a)		
Média							
1948-52	209	2.274	653	0,16	100	100	100
1953-57	277	2.031	440	0,49	306	217	141
1958-62	357	2.392	402	2,11	1.319	678	195
Ano							
1960	448	3.260	436	1,34	1.838	585	143
1961	356	2.320	391	1,51	944	803	118
1962	358	1.940	325	5,19	3.244	1.218	266
1963	387	2.680	415	5,62	3.512	2.116	166
1964	386	2.470	384	7,25	4.531	4.043	112
1965	330	3.150	572	10,37	6.481	6.344	102
1966	322	2.508	468	25,46	15.912	8.786	181
1967	370	2.700	437	18,71	11.694	11.296	104
1968	225	1.955	521	23,42	14.637	14.033	104
1969 (3)	198 (2)	1.400 (2)	424 (2)	54,00	33.750	16.560	204

(1) Índice "2" Nacional da Conjuntura Econômica

(2) 3.ª previsão de safra (março 1969)

(3) Dados preliminares

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

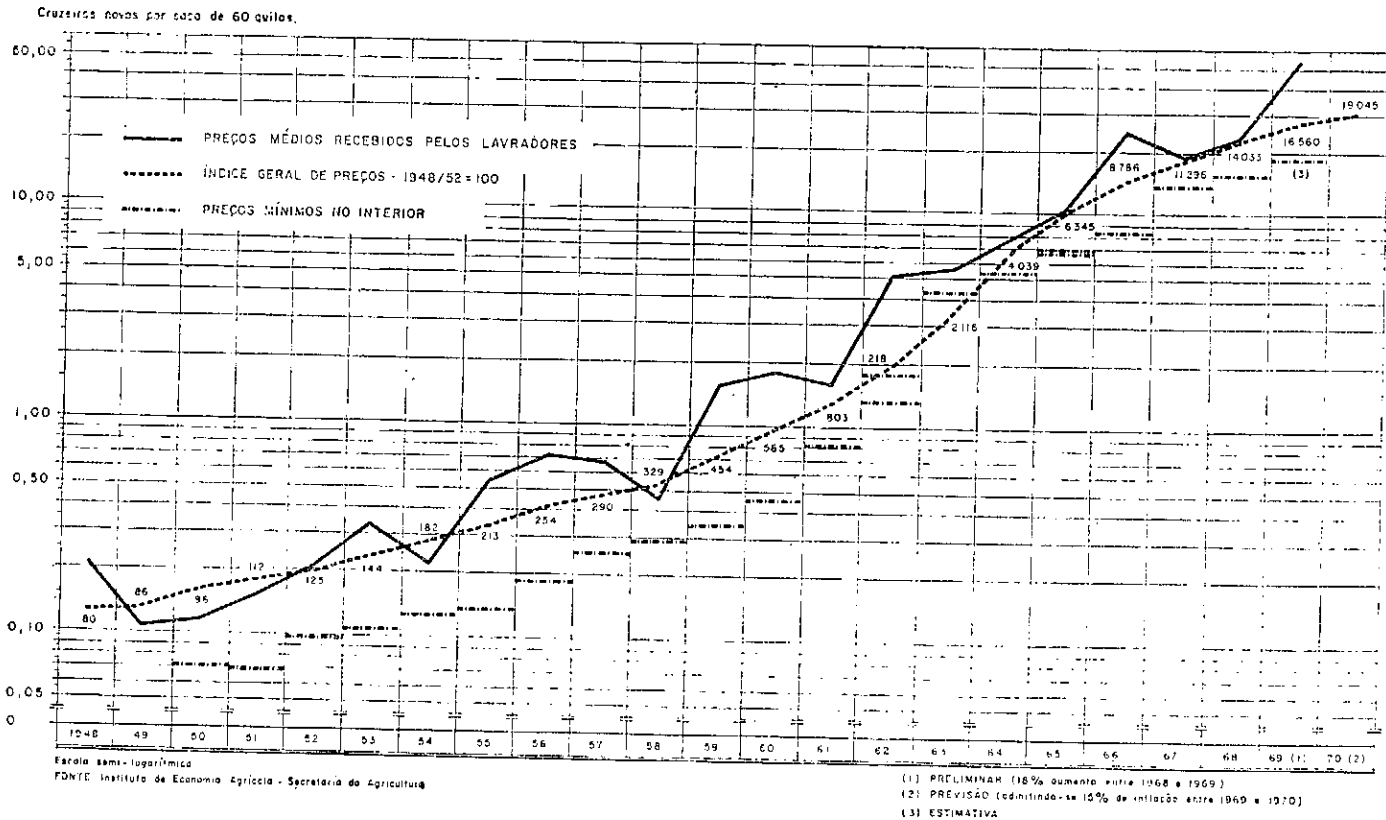


FIGURA 4. — Evolução dos Preços do Feijão no Estado de São Paulo.

dutor de milho e que, habitualmente, envia substanciais quantidades dêste cereal para São Paulo, a quebra parece ter sido menor, o que não impediu uma sensível diminuição no suprimento total de milho neste ano, que impedirá maiores exportações.

A importância fundamental que êste produto exerce no abastecimento pode ser pressentida pelas perturbações que, na fase de pleno afluxo do milho às fontes consumidoras, já são observadas em certos setores como o de rações para animais e a avicultura.

Face à escassez prevista, os preços do milho já acusam forte reação e isto certamente irá refletir no futuro plantio, que deverá registrar aumento. Não obstante ser auspicioso êste fato, cumpre revesti-lo de maior certeza, no que diz respeito à garantia de preços. O consumo do Estado gira em tórno de 42 e 45 milhões de sacas, volume bem superior aos 32 milhões que se espera colher neste ano. Ao consumo acima, deve-se acrescentar 8 a 10 milhões de sacas destinadas a assegurar o nosso comércio exportador, pois, embora o milho não seja produto que deva ser obtido em função de sua exportação "in natura", essa saída é importante por diversas razões, inclusive para garantir

condições de suprimentos crescentes, diminuindo os riscos de crises provocados por abundâncias passageiras. É, em suma, de todo o interesse que o Estado aumente a área de plantio do milho, o mesmo acontecendo para todo o país, já que o produto se constitui em importântíssima infra-estrutura de apoio ao progresso de inúmeros setores agrícolas.

6.1 — CRITÉRIOS

Visando aos objetivos a que conduzem as considerações acima, acredita-se que o nível de preços a ser garantido por 60 kg de milho, da classe mole ou misto, tipo "3", deva ser de NCr\$ 9,00 livre ao produtor. Sugere-se, ainda, que o órgão responsável pela garantia de preços contemple a hipótese de reconhecer, ao milho a granel, a vantagem natural que êle possui de dispensar sacaria.

7 — SUBPRODUTOS DA MANDIOCA

A safra de mandioca de 68/69 deverá ser sensivelmente igual à precedente. O cotêjo entre as duas, registra, para esta, uma ligeira redução (1,5%) na superfície de plantio, um decréscimo nos rendimentos unitários um pouco mais acentuado (4%) e uma quebra no volume de produção estimada em 5,5%.

QUADRO 9. — Milho em São Paulo

Média Quinquênio e Ano	Área Plantada 1.000 ha	Produção 1.000 sacos 60 kg	Rendimento Agrícola kg/ha	Preços médios recebidos pelos lavradores		Índice Geral de preço no Brasil (1) (b)	a/b x 100
				Preços Correntes NCr\$/60 kg	Índices (a)		
Média							
1948-52	804	18.047	1.347	0,08	100	100	100
1953-57	1.085	19.655	1.087	0,13	162	217	75
1958-62	1.189	28.100	1.418	0,55	688	678	101
Ano							
1960	1.324	29.000	1.314	0,36	450	585	77
1961	1.186	29.400	1.488	0,72	900	803	112
1962	1.331	36.900	1.663	1,00	1.250	1.218	103
1963	1.573	44.800	1.709	1,28	1.600	2.116	76
1964	1.263	23.600	1.121	3,15	3.938	4.043	97
1965	1.396	40.800	1.753	3,79	4.738	6.344	75
1966	1.367	41.500	1.821	5,55	6.938	8.786	79
1967	1.476	44.000	1.788	6,25	7.800	11.296	69
1968	1.573	42.500	1.621	6,60	8.250	14.033	59
1969 ⁽³⁾	1.246 ⁽²⁾	32.400 ⁽²⁾	1.560 ⁽²⁾	10,40	1.300	16.560	78

(1) Índice "2" Nacional da Conjuntura Econômica

(2) 3.^a previsão de safra (março 1969)

(3) Dados preliminares

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

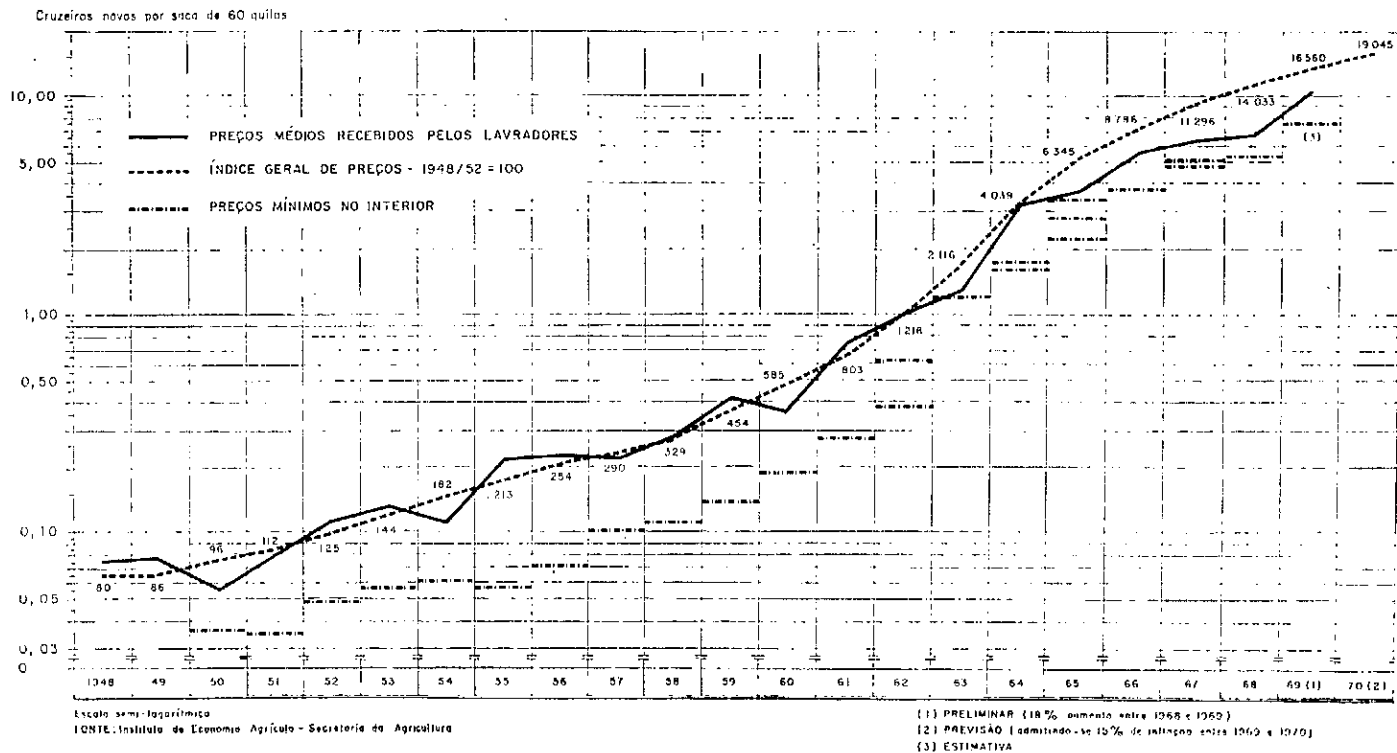


FIGURA 5. — Evolução dos Preços do Milho no Estado de São Paulo.

Apesar dessa ligeira diferença para menos, observa-se, presentemente, certa crise no setor da farinha de mandioca, embora o mesmo não ocorra com a raspa e o amido. Pelas informações até agora obtidas, parece que, para tais dificuldades, está concorrendo apenas uma causa estrutural. Consiste esta na redução do envio de farinha para outros Estados, notadamente Minas e Paraná, que aumentaram suas próprias produções. As demais causas são de ordem conjunturais como: falta de capital de giro, política de redução dos estoques pelos distribuidores da Guanabara, etc. Como quer que seja, os preços que os produtores estão recebendo por quilo de raiz, acham-se em forte declínio e isso certamente se irá refletir em menores plantios para o ano, o que parece de todo indesejável, dada a importância considerável do produto no abastecimento alimentar e no apóio a vários setores agrícolas. Embora em menor escala que o milho, a mandioca desempenha papel semelhante ao deste, como infraestrutura de sustentação dos vários setores agrícolas, notadamente o animal.

7.1 — CRITÉRIOS

Visando ao atendimento dos objetivos acima considerados, parece de tóda a conveniência

uma maior aproximação entre os preços de mercado e os preços mínimos de garantia, a fim de emprestar maior apóio, não só à cultura da mandioca como à comercialização dos seus subprodutos. Presentemente, é tão grande a diferença entre tais preços, que não há nenhum sentido nos preços mínimos de garantia. Para a farinha, a base de garantia deveria ser de NCr\$ 9,00 livre ao produtor, por sacco de 50 quilos, tipo "1". Para os demais subprodutos (farinha de raspa, raspa e amido ou fécula) deve-se observar a mesma relação percentual que vem sendo mantida em anos anteriores.

8 — SOJA

Com a expansão de 70% na área de plantio e a obtenção de um volume de 1,0 milhões de sacas, pode-se considerar que o ano de 1968/69 assinalou a implantação da soja como cultura importante em São Paulo. Para esta exploração, o ano pode ser considerado normal, pois o ligeiro decréscimo nos rendimentos unitários é até inferior ao que se poderia esperar, face ao aumento da área.

A expansão desta cultura é de todo o interesse para o Estado, seja pelo valor intrínseco e de aproveitamento industrial do produto, seja pelo amplo mercado de exportação que for-

ça o emprêgo de técnicas avançadas de cultivo.

Os preços de garantia atualmente vigentes, acham-se muito distanciados das cotações de mercado, daí porque seria necessário uma substancial melhoria para que os mesmos servissem de base à expansão mencionada. Haveria, portanto, que se proceder a uma aproximação destes últimos com os preços de mercado. Assim, propõe-se NCr\$ 17,00 por sacco de 60 quilos como base do preço mínimo, que deve ser adotado.

9 — MAMONA

Em 1968/69 houve um pequeno aumento, (5%), desta

cultura em relação à safra precedente. No volume produzido, o ganho foi menor em decorrência de leve declínio nos rendimentos unitários. Pela primeira vez, foi a mamona incluída entre os produtos beneficiados com a garantia de preços mínimos, atendendo-se, assim, a velhas e insistentes solicitações de círculos interessados em sua economia. É ainda cedo para se avaliar os resultados dessa medida, razão porque sugere-se que, para a próxima safra, sejam repetidas as mesmas bases anteriores, mantendo-se, porém, seu valor real, através do acréscimo de 15%, calculado como taxa de desvalorização da moeda, o que significaria NCr\$ 11,00 por sacco de 50 kg.